

30138

VARIAÇÃO DO BDNF EM ADOLESCENTES USUÁRIOS DE CRACK

Pedro Barbieri Ferronato, Thiago Gatti Pianca (HCPA), Ronaldo Lopes Rosa (HPSP), Claudia Maciel Szobot (ULBRA), Luis Augusto Rohde (UFRGS), Flávio Pechansky (UFRGS), Mariana Chedid Jensen Cunha (ULBRA), Ana Paula de Assis Begnis (ULBRA), Patrícia Mafra Lazzari (ULBRA), Rafaela Carvalho Abrahão (ULBRA), Bianca Wollenhaupt de Aguiar (UFRGS). **Orientador:** Luis Augusto Paim Rohde

A dependência a cocaína nas suas diversas formas é atualmente um relevante problema de saúde no Brasil. Segundo Carlini et al, 2005, em pesquisa realizada nas 108 maiores cidades do país, a prevalência do consumo de cocaína e de crack entre os adolescentes chegou a 2,9% e 0,7% respectivamente. Frente a isso, torna-se necessário compreender as alterações fisiológicas desencadeadas pelo uso do crack. Estudos realizados com ratos sugerem que o Brain-derived neurotrophic factor (BDNF), uma neurotrofina associada ao dano cerebral, contribui para a fissura que ocorre após o período inicial de abstinência à cocaína. Sabe-se que a fissura é um fator central na adicção a crack, sendo que a sua compreensão tem grande relevância clínica. Desta forma, nossa hipótese é de que haverá variação nos níveis séricos de BDNF em adolescentes usuários de crack após período de abstinência. O presente estudo consiste em um ensaio clínico de séries temporais que objetiva comparar os níveis sanguíneos de BDNF em usuários de crack em dois cenários: recentemente após o uso de crack e depois de 20 dias de abstinência. Sujeitos e métodos: Sessenta e dois pacientes adolescentes, de ambos os sexos, com idades entre 12 e 17 anos, usuários de crack, que tenham feito uso recente da droga, residentes na Grande Porto Alegre, encaminhados para internação em dois hospitais psiquiátricos de Porto Alegre e que consentiram em participar da pesquisa tiveram seus níveis sanguíneos de BDNF medidos por procedimento padrão no momento da baixa hospitalar e após 20 dias de abstinência. Resultados preliminares mostraram a existência de uma diferença estatisticamente significativa dos níveis de BDNF em pacientes que tenham feito uso recente de crack em relação ao níveis obtidos após 20 dias de abstinência (médias = 26,9 vs 31,7ng/ml respectivamente, com $p=0,007$), sugerindo que o uso de crack reduz o BDNF sanguíneo e a abstinência leva a um incremento dessa medida. Este trabalho faz parte de um projeto maior denominado Ações Integradas, aprovado pelo Comitê de Bioética do Hospital de Clínicas de Porto Alegre sob o número 100.002.